



Mademoiselle JANE RENOARDT (do Palais Royal)

(Cliché Reutlinger)

Segunda série — N.º 444

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 24 de Agosto de 1914

Dirêtor e proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Editor: José Doubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLÓNIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redação, administração, ofc. de composição
 e impressão: RUA DO SÉCULO, 43

Edição semanal do jornal
O SÉCULO

Trimestre...	1820 cent.	Numero avulso
Semestre...	2840	10 centavos
Ano.....	4880	

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Impressão

Zincogravura e Photogravura

Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou nickelado

Em cobre.

côres, pelo mais recente processo — o de trichromia.

Para jornaes com tramas especiais para este genero de trabalho.

e Composição

FAZEM-SE NAS

OFFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Posta à disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços módicos e com inextinguível perfeitão

Stereotypia

De toda a especie de com posição

Impressão

e composição

De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite

OFFICINAS
DA

Ilustração Portuguesa

R. DO SECULO
43

Cold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pele. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, pano, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pcte 600 réis Para fóra acrescem os portes.

P-DIDOS AO DEPOSITO

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84 Rua dos Fanqueiros 1.º — LISBOA



Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Herminio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispõem dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telefonico: **Lisboa. 605 — Porto, 117**

CAPITAL

Ações	560.000\$ 000
Obrigações	323.910\$ 000
Fundos de reserva e de amortização	266.400\$ 000
Reis	950.310\$ 000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Maria-raia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Herminio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispõem dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fórma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos:

Sapataria da Moda



Brilhantes, perolas,

ouro, prata, papeis de credito, pianos, mobillas, louças antigas, etc., etc. Sobre tudo o maximo valor e a juro reduzido empresta a antiga casa da rua do Norte, 14, 1.º. Telefone 4261. — SHORE & MIGUEL



Cabelos tortes, abundantes limpos e sedosos, CINCOENTA ANOS DE CREDITO COM JUSTIFICADO FERMITE AFIRMAR QUE O

Tónico Amarello com selo Viteri

Preparado desde '88! pela PHARMACIA BARRETO. — Suspende a queda do cabelo, promove o pentado das senhoras. Regenera a cor primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo. Impede a calvice, conserva os frisados e ondeados. Não contém enxofre. Frasco 700 réis Para fóra de Lisboa mais 100 réis para porte e registo. Depósito geral

VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, R. Fanqueiros, 1.º — LISBOA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 444

24 - 8 - 1914

A guerra

Principiaram os grandes morticínios. Feriram-se as primeiras grandes batalhas. Não são apenas dois formidáveis exercitos que se batem: são as duas formidáveis industrias do aço



e do explosivo. Dir-se-hia que todo o esforço humano de meio século se esgotou na preparação d'estas devastações colossaes. As grandes sociedades

metalúrgicas, as aciarías gigantescas dos Thyssen e dos Krupp, dos Felten e dos Mannesman estão assistindo, placidamente, á sua obra de civilização. Experimentam-se as armaduras dos «dreadnoughts», as cupulas de aço dos fortes, o poder explosivo da melinite. Os altos-fornos, no silencio e na trêva, esperitam. E a casa Krupp, agente poderoso de destruição, oferece um milhão de marcos ás suas proprias victimas.

Os tres perigos

Victor Cambon tem razão. Uma lei inexecutavel impele os povos, como torrentes impetuosas, no sentido do occidente. As invasões, como as teocracias, vieram sempre do lado



do sol. «Sessenta anos depois da minha morte — disse Napoleão — a Europa será republicana ou cossaca». O «petit-caporal» não tinha previsto a Alemanha; mas nem por isso a sua profecia deixará de se cumprir. O cossaco virá. A Europa latina vê hoje levantar-se diante de si o perigo teutonico. Amanhã, da névoa espessa da Russia, verá surgir o perigo slavo, como uma ameaça; mais tarde, doiradas e hirsutas, as reservas imensas dos amarelos. E o velho mundo que, na frase feliz de Cambon, parece, visto dos «skyscrapers» de New York,

um grande manto de Arlequim, sofrerá tres vezes o embate furioso das raças barbaras, para succumbir, n'um ultimo clarão de liberdade e de beleza, como uma fogueira moribunda.

Madame de Jhêbes

O almanaque de M.^{me} de Thêbes, especie de «Borda-d'agua» da politica internacional, onde, sob a figura de um elefante branco, imagem do velho «Tom», se lêem as palavras —



«je ne trompe pas, j'avertis», faz-se a seguinte profecia acerca do nosso paiz: — «Au Portugal, ce qui fut est fini et bien fini, semble-t'il; mais je n'ai pas vu, dans le documents intéressants qui

m'ont été envoyés, de confirmation de la dureté de l'état de choses établi depuis la chute de la monarchie. Une autre monarchie, une union nouvelle se prepare, et la femme au grand cœur qui en a eu l'idée será recompensée dans son œuvre par le succès de ce qu'elle a conçu pour l'avenir et la paix de la Peninsule». E' uma charada a prémio.

Livros

A nosografia das raças reaes começa a interessar os medicos novos. O dr. Jayme Ramos Moreira, que este ano concluiu o seu curso na Faculdade de Medicina de Lisboa, escolheu para assunto da sua dissertação inaugural, agora impressa, a degenerescencia de D. Pedro I. Poucas figuras, como a d'esse rei gago, prognata, violento, hipocusico, sádico, homo-sexual, acusando possivelmente fulgurações epileptiformes, se prestam tanto á reconstituição d'uma bela pagina de arqueologia medica. A importancia de semelhantes estudos, quer sob o ponto de vista nosologico, quer sob o ponto de vista propriamente historico, é hoje incontestavel. O medico tem de depor perante a historia, — como um perito perante a justiça.



JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



RATOEIRA

Foi a dez metros da casa de Pompílio que o diligente e calvíssimo funcionário esbarrou com o seu amigo Ernesto.

Pompílio, de maleta no braço e lividez no rosto, denunciava melancolia surda; Ernesto, todo acanhamento e surpresa, ondeava nas palavras a desferir. Era evidente que, se Pompílio succumbia ao peso d'um desgosto, Ernesto mostrava contrariedade em frente do amigo.

No entanto, os dois aborçaram-se em forte e prolongado aperto de mãos, travando a seguir conciso diálogo:

- D'onde vens?
- Do comboio.
- Viagem longa?
- Nem cheguei a entrar na carruagem...

Ernesto recuou, cheio de assombro, e Pompílio, enrugando a fronte, pretendeu elucidar:

- Tragedia, meu caro, tragedia horrivel!... Ocul-to-a, porque a dignidade pessoal tem um veu que em circumstancia alguma se descobre. Escancarar a propria vida é, de antemão, condenal-a e ames-quinhal-a... Basta dizer-te: soffro e soffro immenso. Não durmo ha tres noites, só de pensar n'aquilo que eu penso que me aconteceu! Sim... devo-te esta explicação: o meu tormento moral, tudo que n'este instante me consome, nasceu apenas d'uma suspeita.

- Fala, Pompílio... sobre as tuas palavras fechar-se-ha o tumulto do silencio.

- Obrigado, meu amigo, muito obrigado, mas...

Ernesto interrompeu-o logo, veemente e autoritário.— Então ele, honesto funcionario publico, que o conhecia de longa data e o estimava de estima fraterna, tinha um desgosto e desgosto grave, e não havia de canalisar, gota a gota, até o fundo do seu peito amavel, o segredo que o trazia inquieto? Que escrupulos eram esses, que amizade era essa, feita exclusivamente de reservas e reticencias? Como queria ele que o amigo o borri-fasse das indispensaveis consolações, se escondia por completo, a causa primaria da tortura? Lembrasse-se Pompílio da maxima genial: «para acudir a um coração enfermo é necessario devassá-lo sem recato; no quarto d'um doente tambem se entra sem pedir licença»— e despejasse imediatamente, francamente, os miudos pormenores da afflicção.

Estes argumentos de força afalaram e conven-ceram Pompílio. Por segundos, ainda um estreme-cimento de todo o corpo pareceu indicar que ele reagia, impetuoso e energico, contra a idéa de fazer o estendal do seu soffrer; mas, pouco durou,

e a confissão escorreu-lhe dos labios, lenta, vaga-rosa, integral.

— O meu tormento— ciciou o diligente funcio-nario— é picado pelos terriveis agulhões da sus-peita e do receio. O primeiro insinua vagamente que sou atraído por minha mulher; o segundo enleia-me na duvida, no medo atroz de parecer ridiculo caso a suspeita se não confirme. Hoje de manhã, ao erguer do sol, refleti, monoguei, e saí á rua disposto a liquidar o assunto. Pretex-tei a minha mulher uma viagem ao Porto e caminhei direito ao Rocio, a fingir que, efetivamente, par-tia. Compreendes a manobra?... Agora, sem ela esperar, bato á porta e enfo pela casa como enfia um furacão apanhando janela aberta... Não sei o que succederá depois... nem o que apparecerá, n'esse momento tragico, diante dos meus olhos!... Juro-te, Ernesto, as pernas fraquejam-me e todo eu sou um esguio canço batido pelo vento. Gira-me no corpo uma grande timidez mesclada de profunda humilhação. E se a suspeita cair pela base? Se ela estiver innocente? Que direi a Vito-rina? Que me dirá ela? Como justificar-lhe este regresso subito, maldoso, malicioso, ao lar conjugal?...

Apesar do desgosto, Pompílio via claro no ema-ranhado das conjeturas. Na sua consciencia elas-tica, o cume desenfreado vagueava ao sabor de diversas influencias: ora empenquecia, diminuia, sob o desejo de evitar a catastrophe— a certeza da infidelidade da esposa— ora desaparecia totalmente com a idéa luminosa e reconfortante de que a es-posa nunca lhe fóra infiel. O diligente funcio-nario envergonhava-se do rebaixamento a que tinha descido, armando á mulher uma ratoeira vulgar. O «truc» de que se servira era dos mais corri-queiros e folhetinescos; o pretexto da viagem era banal; e o reconhecimento do delicto que com-etera, o receio de ser obrigado a confessar-se um marido infeliz, e o receio, ainda maior, de que a sua consciencia o censurasse forte e feio pela sus-peita infundada, davam-lhe hesitações de crian-ça, tremeliques de cobarde que não ousa declarar abertamente a sua cobardia. De resto, em qual-quer dos casos, Pompílio seria sempre ridiculo. O que faria ele se visse justificadas as suas apre-ensões? Que lhe diria a ela, á galante Vitorina, se nada as justificasse? Como explicar, em tal conjuntura, o não ter ido para o Porto no com-boio que, antecipadamente, escolheia?

Depois, se o caso se divulgasse, e aos ouvidos dos colegas na repartição chegasse a exagerada noticia das suas duvidas, como desfazer a má im-pressão que, provavelmente, se alojaria em todos eles, com que olhar se atreveria a defrontal-os— olhar de embaraço e submissão, olhar piedoso e con-trito, durante a eternidade das horas de serviço, olhar que, nem por momentos, conseguiria, talvez, atenuar o escarninho dos outros olhares assedi-an-do o seu com perguntas mudas e indiscretas?...

Em boa verdade, o calvíssimo funcionario já se arrependia da resolução que tomára—de manhã, ao erguer do sol—a resolução heroica de liquidar o assunto. Fizera-a bonita, mergulhára na tradicional camisa de onze varas. A maleta de couro pesava-lhe no braço e o suor, em bagas luzidias, principiava a escorrer-lhe da fronte. N'um suspiro maguado, quasi extinto, perguntou ao Ernesto:

—Que me aconselhas?

O outro, lepidamente, alvitrou:

—No teu caso, ia vêr...

—Sim, sim, tens razão...

E metendo á empreza hombros sólidos, Pompilio atirou-se para a frente de repelão, decidido ao escandalo e ás maiores violências. Mas, antes de bater á porta, recomendou, baixinho, ao amigo:

—Não venhas. A cena deve ser entre os dois.

A' primeira pancada, a deliciosa Vitorina, co-

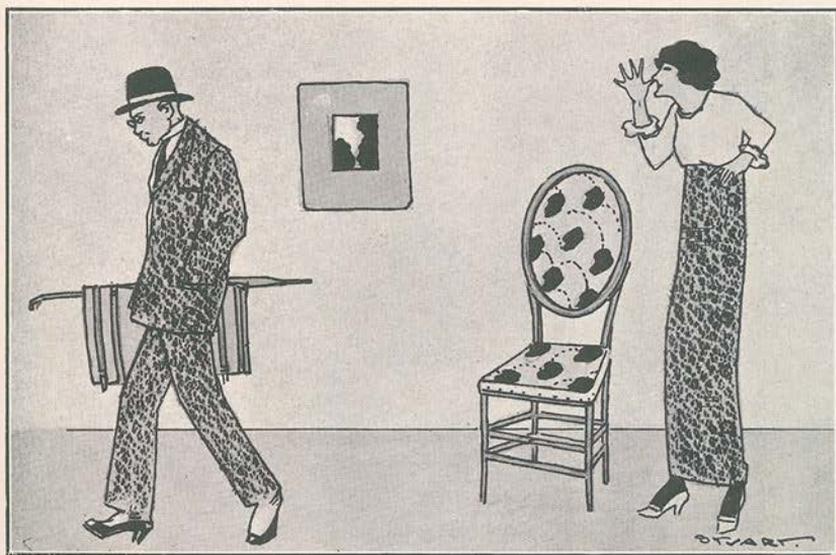
—Voltei atraz, porque me esqueceu o revolver...

—Mentira!—gritou a esposa. Antes de saíres, pulo eu mesma dentro da maleta!

Impossivel continuar a luta. Pompilio, vencido, desarmado, arriou bandeiras.

A palidez que lhe branqueava o rosto, o esgazeamento do olhar, as tremuras do corpo, entregavam-no, amordaçado e atado, á mercê de Vitorina. Calou-se e esperou... E ela sem uma nesga de piedade, tiranica, senhora do seu nariz, abusou largamente do triumpho, achincalhando o marido e soltando em torrentes de caustica indignação o que elle—coitado!—não arriscára sequer esboçar-lhe.

Sim, porque o digno e calvo funcionario, nem tentara, com um gesto ou uma palavra dar-lhe a perceber que todo elle fremia na ancia enorme de



mo se estivesse a espreitar-o nos cortinados da janela, abriu e correu a desembaraçar-o da maleta.

—Ah! E's tu!...

Pompilio titubeou, amachucado:

—Sabes... perdi o comboio...

E, n'um relance de sofreguidão, procurou abranger o interior da casa e adivinhar o que, ella, porventura, continha de anormal, de estranho, que legitimasse as suas angustias.

Vitorina, muito socegada, muito serena, desfechou n'uma gargalhada juvenil:

—Perdeste o comboio? Essa tem graça!... Saíste d'aquí ás sete e meia, chegaste ao Rocio ás oito e o comboio partia ás oito e vinte... Tem graça, tem...

O digno funcionario, colhido na intrujice, percebeu que o chão lhe faltava debaixo dos pés. N'uma atrapalhação crescente, inventou outra desculpa:

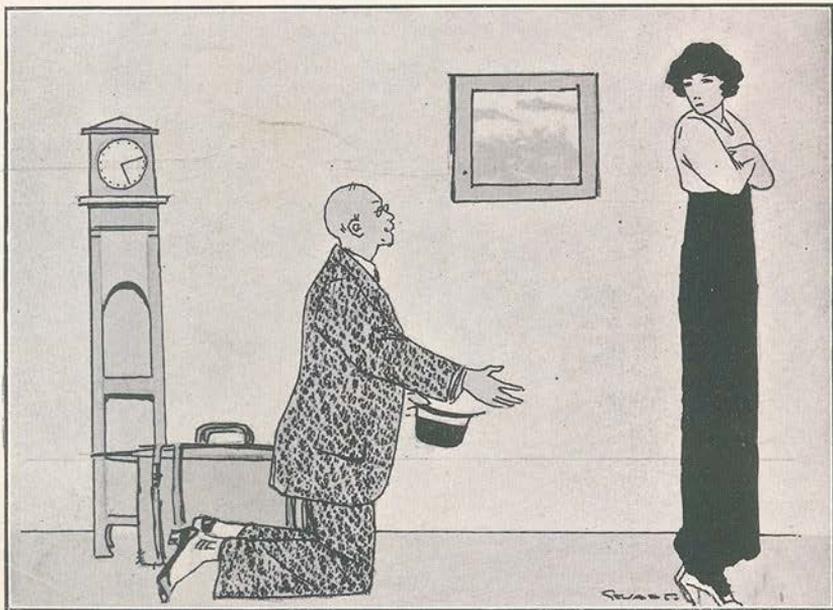
averiguar, de investigar, de adquirir a prova indiscutível que socegasse o seu espirito ou o mergulhasse no abismo de irremediavel desolação... Ella é que n'um relampago de perspicacia adivinhara tudo e n'outro relampago de percepção estrategica decidira tomar o que a complicada e nobre ciencia da guerra denomina a ofensiva.

Foi um diluvio cruel, impetuoso... Falou das suspeitas que Pompilio nutrira a seu respeito—«suspeitas vis, infames, que só uma alma pequenina podia abrigar»; do ciume que o roía, da nula coragem individual que o caracterisava—«se fosse outro homem, ter-lhe-ia dito a ella, cara a cara, o que pensava do seu comportamento»; falou da ratoeira que elle, imbecilmente, lhe armara—«como se isso valesse alguma coisa na descoberta da traição»; fartou-se de o insultar, de o chasquear, de o chamar idiota, maricas, estúpido; e, para concluir, revoltou-se contra a pretenciosa tolice que elle, Pompilio, acalantara por minutos, de que a

sua esposa exemplar, «modelo de honestidade e virtudes domesticas», enguliria facilmente a historia da perda do comboio e do esquecimento do revolver!

As palavras agrestes, mal soantes, caiam dos labios de Victorina em cachoeiras rumorosas. O seu busto gracil explodia, nervoso, em ondas de colera. Ela saltitava, ela agitava a cabeça louira e

n'uma hora de tentação demoniaca, cego, irado, julgando-a capaz d'uma vilania imperdoavel, estivera para comer-lhe os olhos e trespassar-lhe o coração!... Felizmente, que a esposa modelar tomára a iniciativa de o descompôr, de o insultar, limpando-lhe da vista esse grãosinho de poeira, o grãosinho da duvida, que avolumando-se, dilatando-se, bem podia tel-os empurrado á tragedia



os braços como se quizesse bater no marido e reduzil-o a pó, e os seus dedos afusados descreviam no ar as espiraes vertiginosas de muitos serpentinos. Era uma furia em plena eclosão — um vulcão em plena actividade, que jorrava, sem descanço, pedantismo, arrogancia, insolencia, espuma de raiva...

N'uma aberta do vendaval, Pompilio chorou, caiu de joelhos e pediu misericordia. Não fizera aquilo de sua iniciativa: a suspeita ralara-o, tortornara-o, dera-lhe volta ao miolo, e, em ultima analise, o culpado de tudo fôra o Ernesto.

Victorina estremeceu, empalideceu por seu turno:

— O Ernesto?

— Sim, sim... Aconselhou-me a surpreender-te.

A esposa virtuosa exaltou-se de novo:

— A! Ele é isso? Pois, o sr. Ernesto não torna a pôr os pés em nossa casa!...

Pompilio concordou babado de goso e de vaidade — mulher egual, só de encomenda. E ele que,

conjugal, deshonrando um e outro, inutilizando-os, amortalhando-os no escandalo e na maledicencia.

D'aí a pouco, o digno e calvo funcionario, revestido da tranquillidade das criaturas absolutamente felizes, sumia-se ligeiro no caminho da repartição e Victorina, debruçando-se na janela, atirava ao Ernesto um bilhetinho côr de rosa:

*Amanhã as 11
não faltes...*

JORGE DE ABREU.



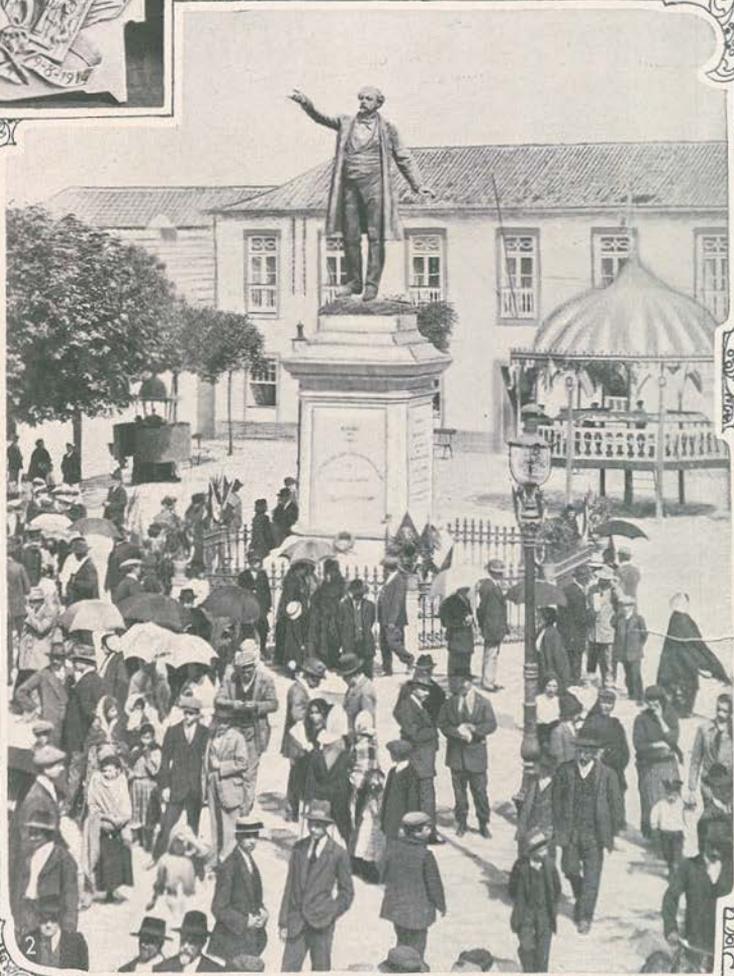
A GRANDE EXCURSÃO Coimbra - Aveiro



De ha anos que as duas cidades se vinham fazendo uma «côrte» assidua.

A visita, que em 5 de julho d'este ano Aveiro fez á rainha do Mondego, foi por assim dizer o pedido «du marriage» que havia de ter seu termo agora, no dia 9 de agosto. Efetivamente, no ultimo domingo, ás 9 horas da manhã, uma giandola de foguetes anunciava a toda a cidade que o com boio excursionista de Coimbra dava entrada nas agulhas da estação da cidade que o Vougabanha. Era enorme a aglomeração de aveirenses que, acompanhados das diversas associações locais, as duas companhias de bombeiros, a a camara municipal e as musicas dos bombeiros voluntarios, a de José Estevam e a

banda dos asilados, aguardavam a chegada dos bons amigos de Coimbra. O cortejo, que se formou na estação, veiu até á rua da Costeira, e aí se quedou para ouvir ler uma alocação pelo sr. presidente da comissão executiva da camara d'Aveiro, e vêr o descerramento da placa que dá o nome de «Rua de Coimbra» áquella ateria, pelo vice-presidente da camara de Coimbra. No programa das festas ao povo amigo de Coimbra figurava um numero tipico, obrigado em todas as visitas que se façam a esta cidade: o passeio



1. Os escudos de Aveiro e Coimbra, obra em gesso platínê do sr. Francisco Antonio dos Santos, de Coimbra—2. Na Praça da Republica; Esperando a chegada da excursão

pela ria. No domingo, pois, quantos foram até á Gafanha, pelo rio, tiveram o prazer de vêr lançar á agua um navio que nos estaleiros d'ali havia sofrido uma grande reparação, como foi o acrescentamento de 5^m, pelo habil calafate aveirense, sr. José Maria Lemos. Na retirada para Coimbra, foram os excursionistas acompanhados até á estação por muito povo que empunhava archotes e balões, sendo o efeito surpreendente, retirando todos entusiasmados e satisfeitos pelo bom acolhimento que aqui tiveram.— F. N. Correia.



Excursão Coimbra-Aveiro.—Passeló na ria. Prontos para a largada.--(Clichês do sr. Romão Junior).



A morte do papa Pio X.—Morreu na madrugada de 20 d'este mez com 79 anos de idade o papa Pio X, uma das figuras mais simpaticas, inteligentes e prestigiosas que tem presidido aos destinos da igreja romana. Morreu abençoando os catolicos prestes a morrer pela patria n'uma guerra pavorosa, que tambem lhe apressou a morte.



CAMINHEIRO...

P'ra encontrar a Ventura,
partii, deixando o meu lar...
Meu bordão de peregrino,
floria d'astros o ar...
Lá longe, vi torres d'oiro
com princezas de luar,
mas, ai! não vi a Ventura
que eu andava a procurar...

Esse Amôr que eu procurava,
nunca o logrei alcançar!
Miragem só da minh'alma,
como o havia de encontrar?
Sonho do meu coração,
como vê-lo em cada olhar?
Era uma sombra esse Amôr,
sombra que eu quiz abraçar!

E n'este aneio, eu subi,
tocando as nuvens do ar,
as altas serras de neve
aonde só aguias vão dar...
E olhando lá de tão alto,
(do meu coração a olhar...)
vi cidades, vi grandezas,
—vã poeira a rastejar...

Vi a maldade vencer,
e a injustiça mandar;
Barrabás, liberto, a rir,
na cruz, Cristo, a agonisar...
Vi correr rios de pranto,
mil corações a sangrar...
Tudo vi; só esse Bem
jâmais o pude avistar!

Peregrino do Amôr,
eu corri a terra e o mar...
Volto caçado do mundo
e caçado de sonhar!
Minh'aldeia, ingenua e branca
como uma pomba a poisar,
dá-me a Fé que eu d'antes tinha,
p'ra poder ainda amar!

Dá-me essa Fé que ao partir
me punha auroras no olhar!
Ao partir, eu tinha risos;
trago prantos, ao voitar!
Minh'aldeia entre montanhas,
cheia de sol e luar,
dá-me esse Amôr que no mundo
não pude ainda encontrar!

Rasguei os pés nos caminhos,
no meu longo caminhar...
Meu bordão de peregrino
já mal me pôde amparar...
Minh'aldeia á beira serra,
vendo lá ao longe o mar,
dá-me essa paz que eu procuro
que eu peço a Deus para me dar!

Já vejo ao longe uma torre,
linda e branca de encantar...
Já entre pombas e rosas,
avisto além o meu lar...
Minh'aldeia, que saudade!
Ai, que saudade, ao voltar!
Dá-me o teu seio, e embala-me...
Adormece-me a cantar...

BERNARDO DE PASSOS

A ribeira de Poiares

Para quem, n'esta quadra do ano, não póde ir repousar das fadigas citadinas para os campos reverdecidos ou para

Isto pensavamos ao contemplar as lindas fotografias que esta desataviada prosa enquadra.

as praias batidas do retemperante ar iodado do mar, é um calmo, doce praser, pou-sar os olhos sobre estampas que representem ternos recantos da paisagem da nossa linda terra. Parece que se é acariciado pela doce brisa que rumoreja entre os arvoredos frondosos, que se sente na epiderme a consoladora frescura das aguas ribeirinhas...

Prazer de pobres! Lembra o caso d'aquela senhora a quem al-guem perguntou se conhecia Trouville:

— Conheço... do animatografo!



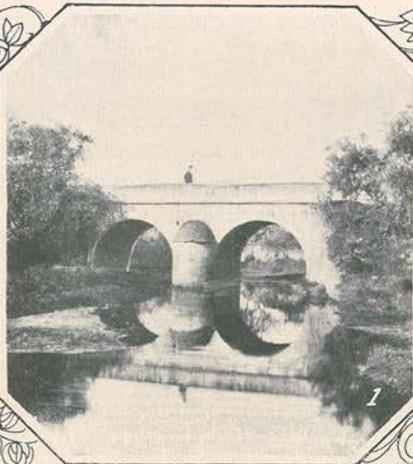
Logar da Rosa

despenhadeiros ou penedias alcantiladas. Aqui desliza n'um vale profundo que só no verão o sol doi-

Esta Ribeira de Vila Nova de Poiares é digna de ser admirada pelos variados panoramas que se espraíam pelas suas margens. Nasce nas proximidades do Alveite Grande, indo desaguar no Mondego, um pouco acima de Rebordosa, depois de contornar quasi metade da vila descrevendo uma curva. São variados os aspectos das suas margens, ora planos e verdejantes de rasteiros musgos ou fetos de grandes e rendadas folhas, ora galgando abruptamente em



A ponte da Moenda



ra com os seus raios, além em rasa planície espraia-se preguiçosamente por entre salgueiras ou grandes e frondosas arvores formando bosques espessos, onde a luz entra a custo, coada pela folhagem.

No inverno, caudalosa, despenha-se com estrepito em pequenas cascatas, cacheando e inundando os campos proximos como um rio. No verão, tranquila, serena, quasi desaparece n'um fiosinho que alimenta os seus muitos poços onde vivem pequenos peixes.

E' atravessada por muitas pontes, desde a fragil e rude pontesinha de madeira, sempre pitoresca na sua simplicidade, até á ponte moderna de solida alvenaria, de elegantes e bem lançados arcos, como são as da Moenda e das Necessidades, sob as quaes prosegue na sua missão de dessedentar os campos, fazer mover as rodas dos lagares, girar as mós dos moinhos — e cantando, e cantando sempre a sua canção eterna que os fetos parecem ouvir, inclinados sobre a corrente...



1. Ponte das Necessidades.—2. Cascata.—3. Bosque de Castanheiros.
 («Cliches» do distinto fotografo-amador sr. Lulz Almeida Gomes Pacheco).

As Gualterianas



Campo da Republica do Brazil, onde se realisa a feira de S. Gualter

Guimarães esteve ha pouco em festa. Realisaram-se as festas em honra de S. Gualter, que tem sempre grande brilho e atraem á linda cidade minhota desusada concorrência.

Ao entusiasmo e dedicação de dois verdadeiros artistas, José Pina e Abel Cardoso, deveu Guimarães o extraordinario successo obtido pelas festas este ano. Dificilmente poderá ser excedido o esplendor que revestiram, mercê do bom gosto dos dois e da bizarra contribuição de todos os vima-ranenses, que se orgulham justamente do brilhantismo das festas gualterianas.

As ornamentações eram de um efeito surpreendente, destacando-se entre todas

pela originalidade e bom gosto de Pina, as do jardim publico. Iluminações, fogo de artificio, touradas, Marcha Milaneza, tudo excedeu a espêctativa dos mais exigentes.

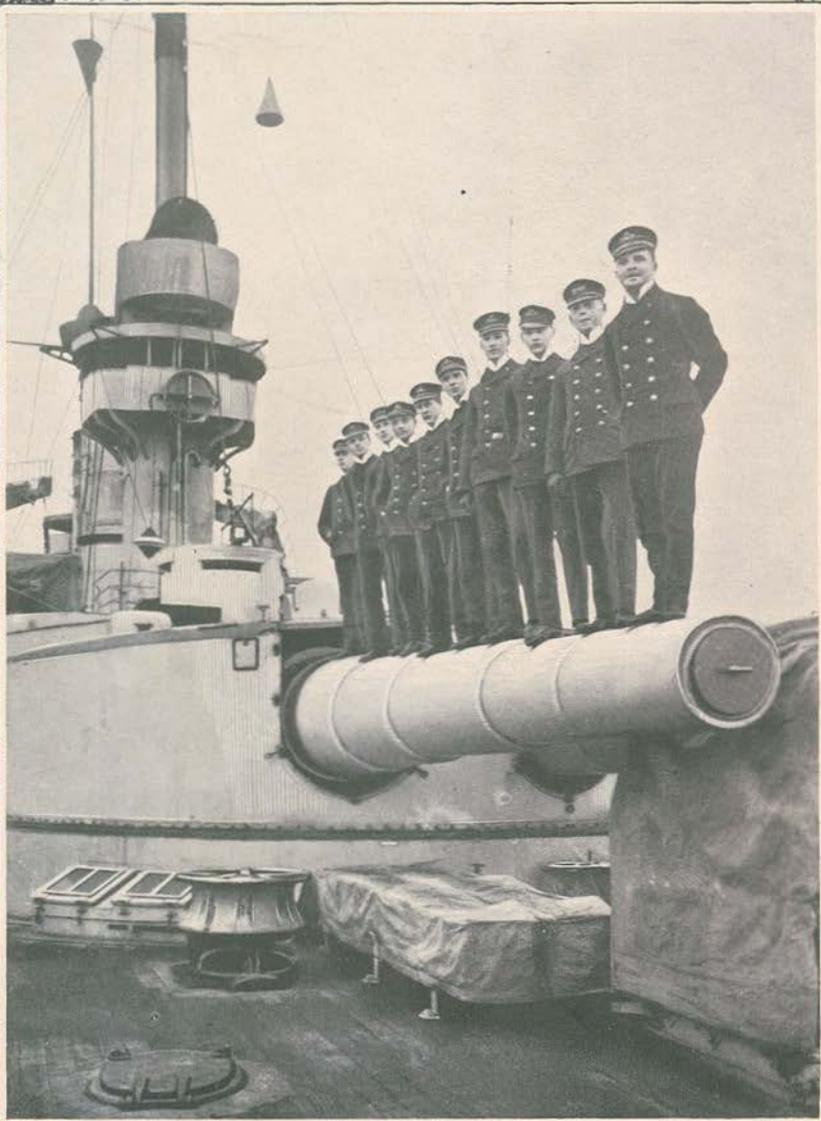
A Marcha Milaneza, que julgamos ser desconhecida no resto do paiz, foi um dos numeros que mais successo obteve, senão o melhor de todos, causando um entusiasmo delirante. As touradas foram magnificas, obtendo os cavaleiros Manuel e José Casimiro um triumpho.

Os dois distinctissimos artistas foram alvo de uma extraordinaria ovação, bem como todos os seus companheiros de lide, que se houveram á altura dos seus creditos.



A tourada das festas Gualterianas: Um aspecto da praça
(«Clichés» do distinto fotografo amator, sr. José Carlos Simões d'Almeida)

A Europa em guerra



Um dos maiores canhões do mundo a bordo d'um navio alemão
(«Gliché» do Berliner Illustrations).



Infanteria escocesa.—(Gliché Dellus).

A grande guerra europeia prosegue e, longe de se lhe ver termo pelo aniquilamento de um dos adversários ou pela amigável intervenção de qualquer potencia alheia ao conflito, a situação agrava-se. Tocou a vez ao Extremo Oriente de manifestar-se. O Japão declarou guerra á Alemanha e a sua marinha de guerra persegue no Pacifico os navios alemães.

Os enormissimos prejuizos d'esta tre-



menda conflagração podem avaliar-se pelas perdas sofridas pela marinha mercante germanica, a segunda do mundo, cujo aniquilamento é quasi total.

A avaliar pelas noticias, por vezes contraditorias, que a todo o momento chegam, as perdas em todos os campos são já considerabilissimas.

E' grande o numero de mortos e enorme o de prisioneiros do exercito alemão, cujo es-



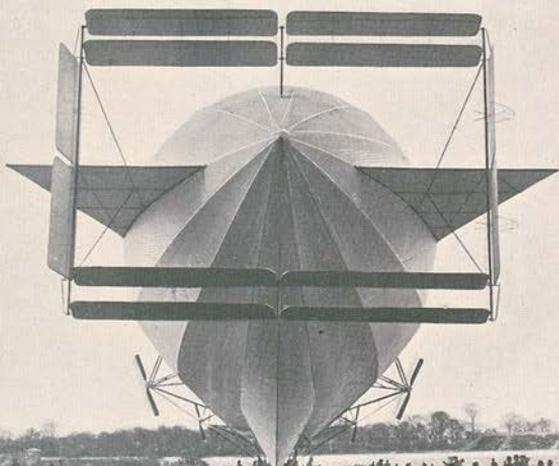
1. Alemães partindo para a guerra.—2. Um ataque da Infantaria franceza (*Glichés- Dellus).



1. Em Paris: A multidão destruindo um estabelecimento alemão.—2. Passagem de uma ribeira pelo exercito francez.—(«Clichés» Chusseau Flavens).

tado maior, segundo se diz, age sob a direção do proprio imperador.

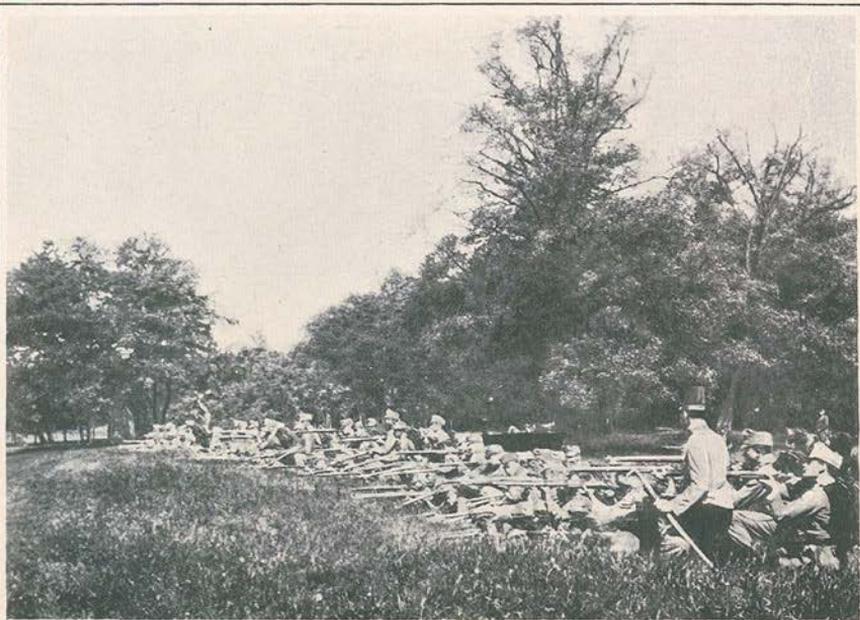
Se a tenacidade e disciplina dos alemães é digna de reparo, a bravura e arranco de francezes e belgas é verda deiramente épica. A defeza do territorio belga é uma pagina de epopeia que ja-



mais se delirá na Historia. Se no meio de tanto horror ha alguma coisa de belo, essa é, sem duvida, a intrepidez, a coragem, a bravura d'esse pequeno grande povo, assombro do proprio colosso que é o seu irredutivel adversario de agora.



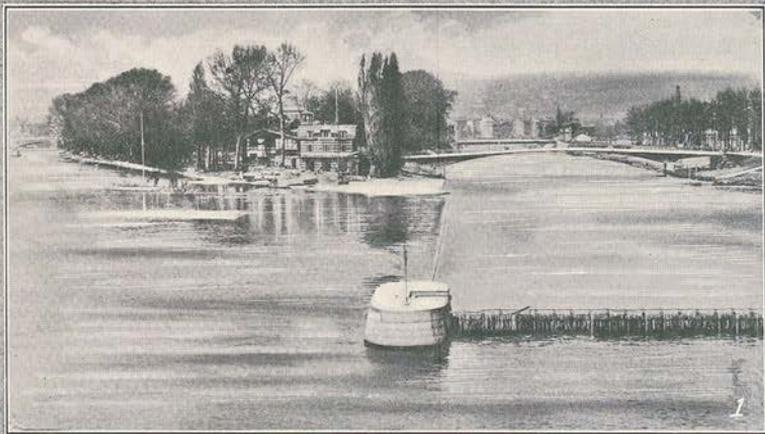
Um dirigivel francez no momento de partir (Cliché Archives du Miroir).



Infantaria austriaca na fronteira servia

(Cliché Berliner Illustrations).

LIÉGE



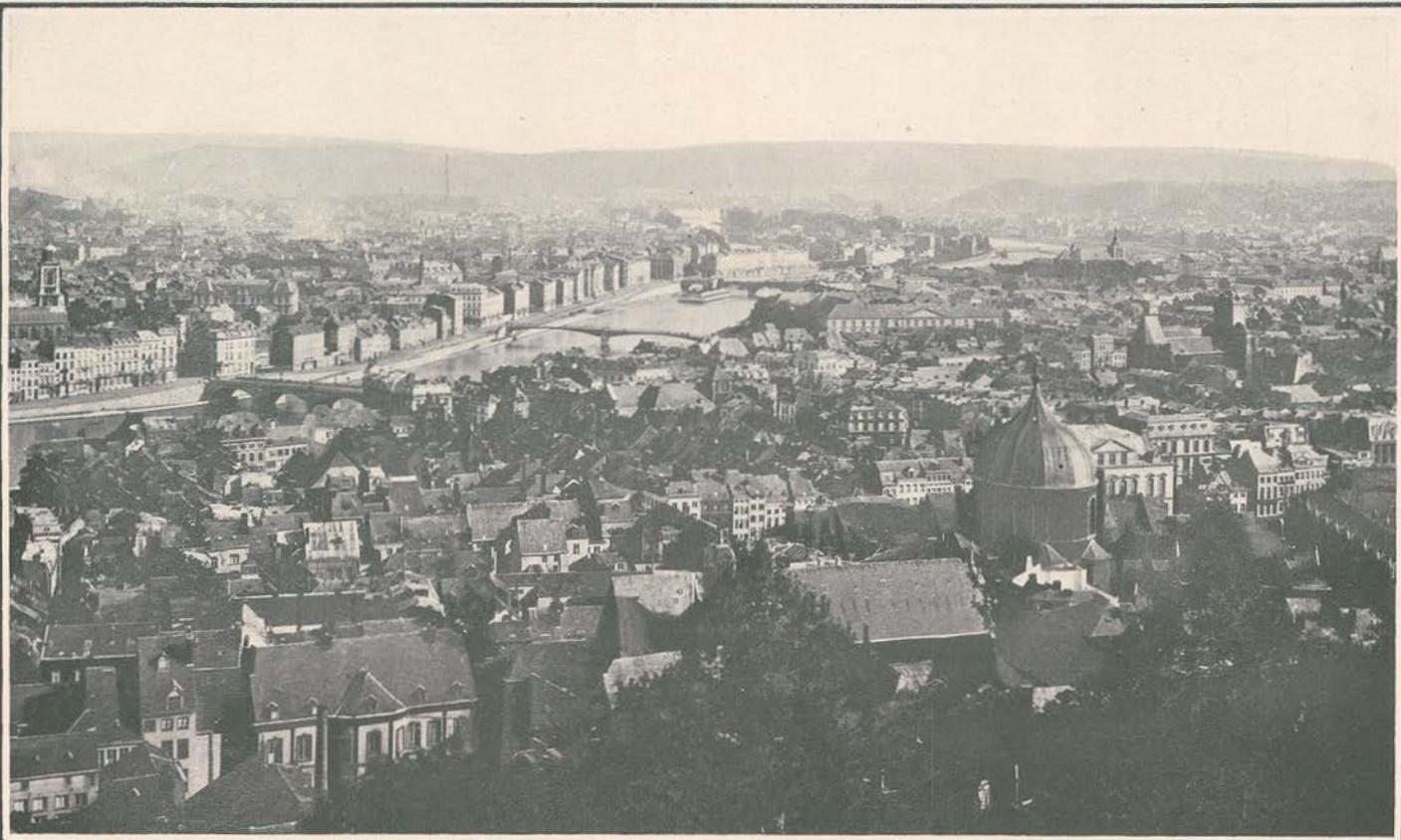
Liège (*Luik* em flamengo e *Lüttich* em alemão) é a capital da Wallonia, sendo os seus habitantes, os wallões, de origem celtica; o seu dialéto é uma corrução do latim e do francez. Todos, porém, falam sempre em francez corretissimo, sendo partidarios acerrimos da França.



Não succede outro tanto com os flamengos, tipos de origem germanica, que se deixaram fascinar pelo imenso poderio alemão e estavam por assim dizer de alma e coração ao lado dos alemães. Porque este odio de raças? Pois não são todos belgas, reunidos debaixo da mesma bandeira?



1. Vista tirada da ponte de Tragnée.—2. O touro de Mignon.—3. Praça do teatro.



Vista geral de Liège

ra? Estas duas raças que ha muito se de-
veriam ter fundido, dado as mãos, para
n'um esforço unico, fazerem progredir ainda mais
o já tão fecundo solo belga, desagregavam-se, poi-
co a pouco, e a palavra separação estava na ordem
do dia. Mas, tudo isto tem, em parte, uma explica-
ção e quem vi-
veu na Belgica e
conhece o predom-
ínio que tem aí
o partido catolico,
que ha perto
de trinta anos
conserva o poder,
não se admira-
r de que os factos
assim se deem.
Sendo o povo
wallão um povo
essencialmente
industrial, constitu-
ido na sua maioria
por operarios ou em-
pregados na indus-
tria ou no comercio,
que devem a sua posi-
ção ao esforço
proprio, natural é
que aí predomine
o espirito liberal,
principalmente as
idéas socialistas,
cuja influencia os
catolicos não con-
seguem sufocar.

Peço contra-
rio, nas Flandres,
o partido catolico
tem uma força
imensa, porque
domina a maior
parte dos campones-
es flamengos, cuja
maioria, em con-
sequencia da sua
muito pouco desen-
volvida illustração,
se deixa influenciar
peios 85.000 frades
e freiras que exis-
tem disseminados
na Belgica em
5.000 conventos.

Em virtude
d'esta differença
de raças, estava
naturalmente in-
dicado, que, no
caso de se declara-
r a guerra, os
flamengos se in-
clinariam para o
lado da Alemanha;
ao mesmo tempo
que os wallões se
declarariam incondi-
cionalmente ao lado
da França, amea-
çando romper a
esplendida unidade
territorial belga.

Mas, beio exemplo
de fraternidade hu-
mana e de patrio-
tismo! Assim que
se deu a invasão
alemã, flamengos
e wallões esque-
cendo antigos agra-
vos uniram-se para
conjurar o perigo
comum; e viu-se
então quanto pôde
o entusiasmo latino
aliado á energia e
disciplina germani-
cas.

A Belgica, separada
por uma diferen-

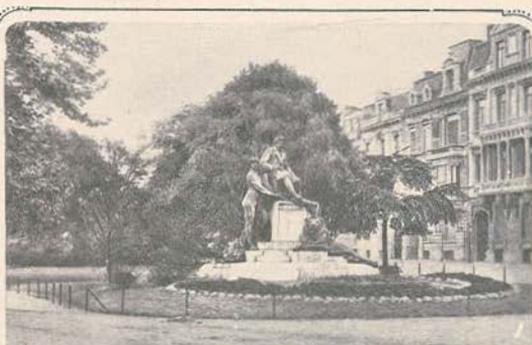
ça de raças e de
sentimentos, não
forma hoje mais do
que um elemento
unico—o povo bel-
ga—impondo-se á
admiração do mun-
do inteiro pela heroi-
cidade de que está
dando provas.

Liège deveria atrair
os *touristes* e mais
do que isso

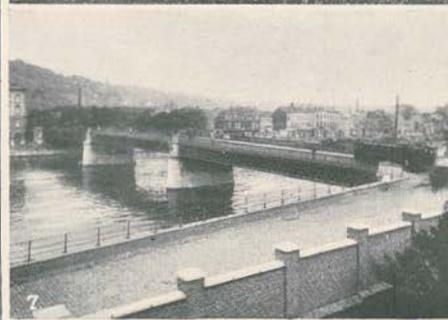
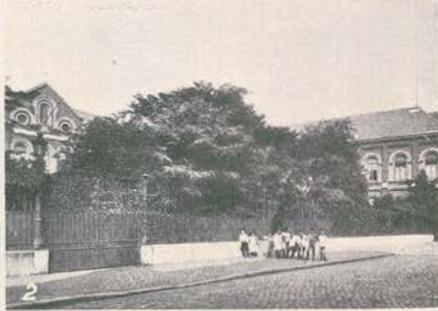
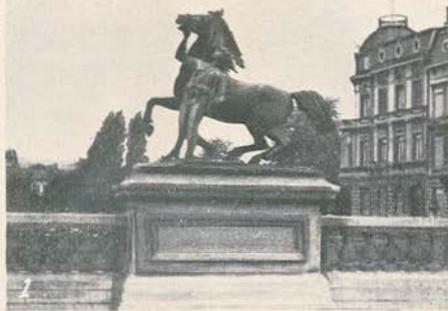
deveria retel-os
algum tempo.
Assim, porém,
não succede. E'
certo que muitos
touristes passam
em Liège; mas a
maior parte nem
sequer se detem
ou fazem, quan-
do muito, uma
visita muito su-
perficial á cida-
de. E' que Liège
tem uma vida que
lhe é propria: o
seu commercio,
as suas numero-
sas minas de car-
vão, as fabricas
colossaes que se
instalam perto,
dão-lhe irri-
queza, que usu-
frue, pelo seu
trabalho. Liège,
não tendo pro-
priamente neces-
sidade do dinhei-
ro que o estran-
geiro lhe poder-
á deixar, não
trata de o atrair.

Quem pela
primeira vez desem-
barca em Liège
e não conhece a
cidade tem a im-
pressão de que é
uma cidade sem
diversões. Puro
engano. Liège,
considerada co-
mo cidade de
prazer, possui
tudo quanto a
moderna civilisa-
ção exige n'uma
cidade onde cada
um se deseja
divertir. Que
o digam os
numerosos es-
tudentes estran-
geiros que em
Liège se constituem
uma colonia
bastante numero-
sa; e, que a par
de um trabalho
incessante nos
diferentes es-
tabelecimentos
de ensino, pro-
curam, muito
naturalmente,
diver-

tir-se. Tendo o
belga por fim,
adquirir uma
posição pelo
trabalho honesto,
deseja natural-
mente fortificar-
se tambem fisicamente;
e assim, tem
dado em Liège
uma expansão
enorme ao sport.
E' ver o entu-
siasmo com que
aplaude o vencedor
das corridas de
bicicletas entre
Paris e Liège
(375 quilometros)
que anualmente
se realisam em
Liège. As festas
de aeronautica,
remo, campeonato
de tennis, foot-
ball, a patinagem,
os concursos de
«Dressa-



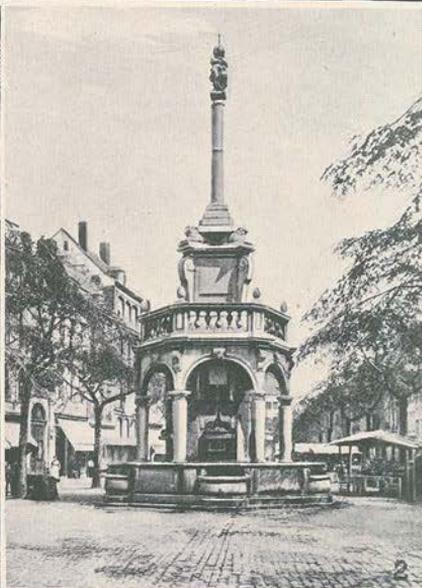
1. Monumento Rogier—2. O Meuse e a União Náutica—3. Praça Notger



1. O Domador—2. Escola Normal—3. Boulevard d'Avray—4. O Grande Bazar da praça Saint Lambert—5. Estatua Grétry à entrada do boulevard—6. O Petit Paradis—7. Ponte Maghin—8. Ponte da Boverie

ge de chiens» apaixonam os wallões. Os seus estabelecimentos de ensino são universalmente conhecidos. A sua notável Universidade prepara também para as escolas especiaes de engenharia, das quaes «L'Institut Electrotechnique de Montefiore» é considerado uma das primeiras escolas de engenharia electrica. Liège possui ainda: Faculdades de ciencias e

e nove quilometros e aproximadamente seis quilometros uns entre os outros. D'estes fortes seis são grandes: Bonnelles, Fleron, Barchon, na margem direita; Flemalle, Tontines e Soucines, na margem esquerda. Os fortes pequenos são na margem direita, Chandfontaine, Embourg, Evengnée; na margem esquerda, Liers, Hologne e Landin.



1. Antigas descarregadoras de carvão.—2. O celebre polta de Liège.

direito, Escolas Especiaes de Artes e Manufaturas, Instituto de Quimica, Instituto e Jardim Botanico, Escola de Farmacia, Instituto de Fisiologia, Instituto de Anatomia e Hospital Clinico, Instituto Zoologico, Instituto de Mecanica, um Observatorio, Escolas Normaes, Seminario, Escolas Profissionais para rapazes e para raparigas, Escolas Industriaes, duas esplendidas Bibliotecas, Escola de Belas Artes e Conservatorio.

Museus ha-os em Liège de Pintura, d'Armas, d'Arqueologia, de Historia Natural.

Resta-nos falar das novas fortificações como um dos elementos que mais tem contribuido para que a cidade tenha resistido até hoje ao embate furioso dos alemães. A cidade de Liège, forma um campo entrincheirado que com as fortalezas de Huy e Namur constituem a defeza do curso belga do rio Mosa (em francez, la Meuse).

Está Liège cercada por uma linha de doze fortes distantes da cidade entre seis e

Nunca tivemos occasião, na nossa estada na Belgica de visitar nenhum d'estes fortes, porque eram interditos aos estrangeiros, mas sabemos que são construidos em cimento armado com cupulas blindadas e que são guarnecidos cada um com dois canhões de 15^{cm}, quatro de 12^{cm}, duas peças de 21 e quatro de 57^{mm}. O armamento total da praça comprehendendo a artilharia destinada á defeza da passagem entre os fortes e á das posições avançadas é de 400 canhões.

Isto é o armamento em tempo normal; porque, sabe-se pelos ultimos telegramas que, depois das primeiras investidas dos alemães 53.000 civis se empregavam em fazer obras de fortificação, barricadas, trincheiras, etc., no espaço comprehendido entre os fortes com o fim de embargar, tanto quanto possivel, a passagem rapida dos alemães por esses intervalos, conservando-os assim, o mais tempo possivel, debaixo do fogo mortifero dos fortes.

AMADEU DE MACEDO



3. A ponte de Tragnée.

FIGURAS E FACTOS



1. Sr.ª D. Amella dos Santos Fernandes de Carvalho, falecida em Lisboa

2. Sr.ª D. Rosa da Cruz, falecida na Praia do Ribatejo

3. Sr. José Francisco d'Éça Leal, falecido em Lisboa



Jules Lemaitre

JULES LEMAITRE. — A França acaba de perder em Jules Lemaitre um dos seus filhos mais ilustres. Morrendo aos 61 anos esse homem deixa uma obra notabilíssima. Lemaitre versou varios generos literarios, mas no teatro e na critica é que ele mais poz em evidencia a pujança do seu grande talento. A sua peça «L'Ainée» e as «Impressões de Teatro» bastariam a fazer-lhe a reputação. Lemaitre pertencia á Academia Franceza.

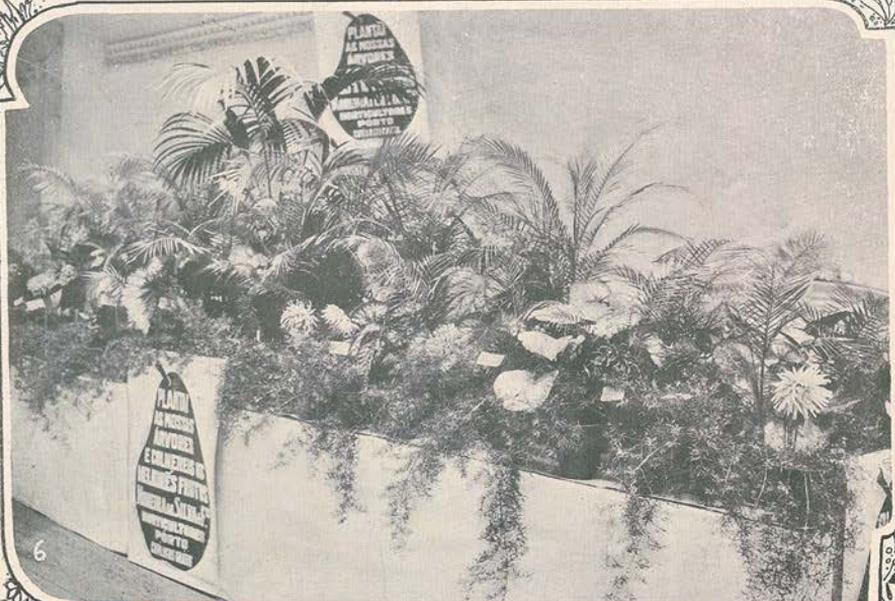
MARQUEZ DE FRANCO. — Emilio Ernesto Franco, marquez de Franco e Almodovar, riquissimo banqueiro que Lisboa inteira conhecia pelas suas excentricidades e estimava pela sua filantropia, morreu ha dias. Vitimou-o a caquexia senil.

Foi uma bonissima creatura a despeito do seu aspeto bisonho e pouco atraente.

Fez bem, com largueza, e nunca se importou com a estranhosa causada pelas suas excentricidades.



Sr. marquez de Franco e Almodovar, falecido recentemente em Lisboa.

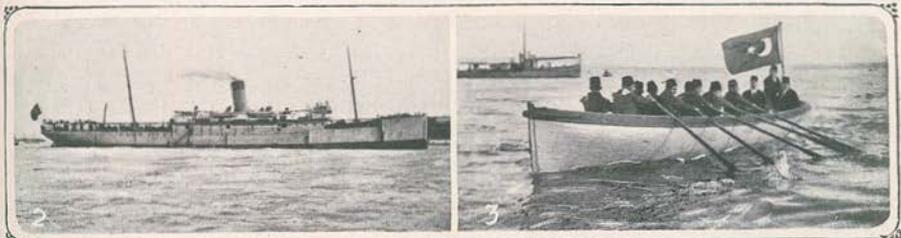


Exposição de flores no Jardim Passos Manuel do Porto: Uma meza ornamentada com palmeiras e begonias dos expositores srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos.—(«Cliche» do distinto fotografo amator sr. Chalm J.º).

FIGURAS E FACTOS



A laureada pianista portugueza sr.^a D. Adelina Rosenstok, que'aplaudimos no salão da «Ilustração Portuguesa», ao regressar da Alemanha, acaba de fixar-se em S. Luiz do Maranhão, a pedido de famílias disintusissimas para all difundir o ensino da musica. Representa a nossa gravura a sr.^a D. Adelina Q com algumas das suas discipulas e os srs. professores, João Andrade, violinista, e Adelman Correia, flautista.—(«Clíchê» de Nina & Pantoja).



2. «Rochi-Pachá», transporte de guerra turco, que esteve ultimamente no Tejo.—3. Um escalor do «Rochi-Pachá» conduzindo a bordo o comandante.—(«Clíchê» Benollet).



Grupo de senhoras e cavalheiros que tomaram parte na festa de inauguração das novas officinas do sr. Paulino Ferreira.—(«Clíchê» Benollet).

O sr. tenente coronel Alves Roçadas, a quem foi confiado o comando da coluna expedicionaria á Africa Ocidental, é um dos officiaes mais illustres do nosso exercito, com uma longa e brilhantissima folha de serviços, muitos dos quaes prestados em Africa. Passa por ser um official muito disciplinador, com extraordinarias faculdades de organisador e dirigente. A sua bravura é já proverbial. A sua espada brilhou ao sol de mais de um combate com gloria para o nosso exercito.



1. Sr. tenente-coronel Alves Roçadas, comandante da expedição á Africa Ocidental



2. Sr. tenente-coronel Massano d'Amorim, comandante da expedição á Africa Oriental

O sr. Massano de Amorim, tenente-coronel da arma de artilharia, que já afirmou as suas altas qualidades de militar na costa oriental da Africa, é o comandante da coluna expedicionaria para a mesma costa, que se está organisando.

O tenente-coronel Massano Amorim, tido entre os seus camaradas como o autentico tipo de militar disciplinador e inreprimido, foi ultimamente indigitado para exercer o cargo de governador civil de Lisboa, que recusou.



3. Sr. Laurentino Pereira, falecido por desastre n'uma tourada em Arruda dos Vinhos—4. Sr. Domingos Lourenço da Costa, commerciante, recentemente falecido—5. Sr. dr. Julio Augusto Sampaio Duarte, juiz do novo Tribunal de Transgressões e Execuções—6. Sr. dr. Guilherme Augusto Coelho, delgado do novo Tribunal de Transgressões e Execuções—7. Sr. dr. Alvaro Coelho Santos Mineiro, secretario do mesmo Tribunal



Excursão de Sernache do Bom Jardim a Castanheira de Pera, estando ao centro o sr. dr. Manuel Diniz Henriques, capitalista e director do «Ribeiro de Pera»

Campeonato de esgrima



1

Promovido pelo Centro Nacional de Esgrima, de que é diretor tecnico o distinctissimo mestre d'armas sr. Antonio Martins, realizou-se a 16 do corrente no Jardim da Estrela o Campeonato Militar Individual de sabre para officiaes de terra e mar. Inscreveram-se quinze officiaes. Os premios constavam da taça «Penha Longa» e de cem escudos para o vencedor, sessenta para o segundo e quarenta para o terceiro.



2

3. O professor de esgrima Antonio Martins



3



4

O juri foi constituído pelo sr. Antonio Martins (presidente), capitão-tenente D. Luiz da Camara Leme, delegado do ministerio da marinha, capitão Santos d'Oliveira, pelo ministerio da guerra, e tenentes Oliveira Tavares e Luiz Sant'Ana.

A victoria coube ao sr. capitão Horacio Ferreira, ficando em segundo logar o major sr. Vieira da Rocha e em terceiro o tenente sr. Ramires.

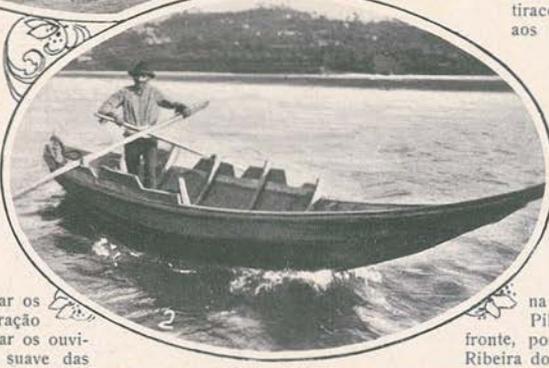
A's provas, que despertaram o maior interesse, assistiu numeroso publico que fez uma ovação aos distinctos officiaes.

1. Grupo de officiaes que concorreram ao campeonato individual de esgrima de sabre no Passelo da Estrela—3. Disputando o campeonato—4. Um assalto—(«Clichés» de Benollet).

COSTUMES DO PORTO
As merendas



volta do meio dia um belo sol doirou toda a cidade, desaparecendo como por encanto as apreensões sinistras da vespera. A's duas horas da tarde, sem pensar já na guerra e nos seus horrores, puzemo-nos todos de abalada, despreocupados da vida, como se por alguns momentos nos abrissem as portas d'uma prisão em que atafavamos. A essa hora,



Havia muito tempo que andavamos preparando aquele passeio pelo rio acima, até Avintes, até o rio Sousa, até Crestuma, até onde o barco nos levasse, enfim. Fartos da atmosfera empastada e abafada da cidade, queríamos aspirar o ar puro e oxigenado dos campos, tonificar os pulmões com a viração fresca do rio, embalar os ouvidos com a canção suave das águas a deliciar a vista com a tonalidade vibrante da paisagem.

E fretámos um barco, e preparámos uma grande merenda, variada e abundante, e convidámos famílias amigas, que tornariam o passeio mais alegre e interessante, e aprazámos um dia.

Mas a vespera devia trazer-nos duas surpresas bem desagradáveis: a Alemanha declarava-se em guerra com a Rússia, e a conflagração europeia surgia aos olhos de todos com o seu cortejo funebre de dóres, de lagrimas, de miserias. E uma chuva miudinha, impertinente, arreliou-nos todo aquele sabado aborrecido, fazendo-nos destilar na alma gótas de tedio e tristeza.

No domingo, porém, as coisas mudaram. Enublado, a principio, o dia foi-se pouco a pouco aclarando, e por

meio Porto de merendeiro a tiracolo, dirigia-se tambem aos pontos mais pitorescos, onde pudesse passar uma tarde divertida, sob uma sombra amiga e protetora, saboreando deliciosos piteus, de mistura com o belo rascante, conduzido em botijas, em garrafões, em pequenos pipos, em borrachas, etc. E ao longo do monte do Seminario, na lombada da Serra do Pilar, que lhe fica de frente, por todo o Areinho, na Ribeira do Abade, atravez de toda a margem esquerda do Douro, desde a Torre Bela a Avintes, magotes de populares alinham-se, estendidos sobre a relva, sentados mesmo a cavaleiro do rio, enquanto ranchos de rapazes e raparigas dançam e cantam, n'um ródopio sem fim.



1. Um barco—recreio—2. Um barqueiro—3. Um aspeto das margens do Douro

Barcos dos mais diversos feitios, rabêlos, carvoeiros, caíques, lanchas, canôas automoveis, pequenos vapores cruzam o rio em todas as direções, conduzindo gente que se entrega ao

Mas a paisagem do Douro admira-se, não se descreve. Ao vel-a, os nossos olhos sentem-se deslumbrados, a alma absorve-se n'um enleio adormecedor, e, na ida ou no regresso, con

templando a povoação ridente de Crestuma, a loz encantadora do Sousa, o alegre suburbio de Valbom ou o panorama forte e subjugador, empolgante e soberbo da cidade do Porto, que se esfuma lá baixo, n'um fundo cinzento e enegrecido, a vista não se farta de descobrir belezas novas que nos dominam e embevecem, como um raro licor capitoso que prelibamos depois de um jantar.

Andando assim de barco, sobre as aguas tranquilas, ao cantar do remo, sob o amplo toldo, a gente perde a noção das coisas, e apetece-lhe ir assim até onde a corrente nos leve, esquecidos de tudo, entregues aos azares da sorte, presos nas azas do sonho.

Ou não fossemos nós os descendentes



«sport» ou se diverte, vendo-se ao centro de alguns erguidas mezas em que se deve petiscar a indispensavel merenda. E que admiraveis trechos de paisagem as margens do Douro nos oferecem! Logo entre Porto e Gaia, dois enormes recortes de penedia aspera, rasgada em escarpa, mosqueada, principalmente na margem direita, de casitas alvadias sobrepondo-se, e comprimindo-se ao fundo, apertada e impetuosa, a corrente lodacenta do Douro, sob as pontes que ligam as duas margens. Depois vem o Areinho, com um areal extensissimo, bordejado de campos que um denso pinheiral corôa, logar predileto da esturdia portuense e onde não poucos romances de amor se desenrolam, quantas vezes ingenhos pecadilhos sentimentos, longe da vista de curiosos abelhudos. E a seguir essa extensissima dobra do rio, que se recurva no Esteio de Campanhã e desaparece no areal de Avintes, espraiando-se ilimitadamente, marginada de quintas, de palacetes, de fabricas, de arvoredo.



1. Voltando do rio Sousa—2. No barco: A' hora da merenda—3. A abordagem (Clichês do sr. Alvaro Martins).

de uma raça de navegantes, conquistadores e namorados...

Porto, 8-8-914.

S. M.

Uma festa elegante

Realizou-se no «Court de Tennis» de Vila do Conde, um «five ó clock tea», para inauguração da epoca balnear.

As mesas artisticamente dispostas e profundamente servidas, produziram um efeito encantador.

No decorrer da festa jogaram-se com «en-train» varias partidas que despertaram muito



interesse. A assistencia seleta e a composta das mais distintas familias de Vila do Conde e das que ali se encontram a veranear. O grupo de senhoras que tomou o encargo de organizar tão agradável passatempo, viu compensados os seus esforços, pois que, todos se divertiram e ficaram agradavelmente impressionados.



1. Um grupo de tenistas. Da esquerda para a direita: «Mademoiselle» Angela Galvão, Carlota de Saude e Castro, Sofia Melreles, Maria Cláudia Palma de Vilhena, Maria Augusta Melreles, Anete Galvão, srs. José Fonseca e Antonio Sá. 2.º plano: Srs. João Paulo Mexia (Pombetro), Manuel Galvão, «Mademoiselle» Helena Casiro Lopes, srs. Antonio Barbosa, Miguel Palma de Vilhena, Carlos Sá e Frederico Vilares.

2. Espetadores. Da esquerda para direita: Sentados os srs. Carlos Sá Miguel Palma de Vilhena, Adolfo de Coqueiro, André de Oliveira e Antonio Barbosa. 2.º plano: Srs. Antonio de Sá, David Silva, Oswaldo de Oliveira, dr. João Cabraro, Francisco Faria, Luiz Falcão, capitão Jorge da Costa Campos, Manuel Galvão, José Meneres Junior e Carlos Miranda. 3.º plano: Srs. dr. Jorge de Figueiredo Faria,



Antonio Campos, Francisco de Melreles, menino Campos e o sr. Lamartine Brandão de Oliveira.

3. Uma fase do jogo: A sr.ª D. Sofia Melreles, bolando.

4. Um grupo da assistencia. Da esquerda para a direita: «M. Mademoiselle» Mar a Beatriz Campos, sr. José da Fonseca, «Mademoiselle» Maria Isabel Campos, Carlota de Saude e Castro, Anete Galvão, Const. n.º M. Lafai, madame Adolfo Barbosa, «Mademoiselle» Helena Casiro Lopes e Aneta Galvão. 2.º plano: «Mademoiselle» Sofia Melreles, sr. Lamartine de Oliveira, sr.ª D. Augusta Melreles, srs. Francisco Melreles, Manuel Galvão, André B. de Oliveira, Antonio Barbosa, Adol. o Coqueiro, Miguel P. de Vilhena, David R. da Silva e José Meneres Junior.

(Clichés gentilmente oferecidos pelo distinto fotografo amator sr. Adolfo Hautrus Barbosa).

Exposição de pomologia na escola do Posto Agrario de Queluz



1. Frutos de Alcobaca, dos srs. José Eduardo de Magalhães, da quinta da Cova da Onça.—2. Cachos de varias qualidades de uvas, um dos quaes pesa 1:500 gramas, exposto pelo sr. Facco Viana, de Alcochete.



Armando tendas anti-parasitarias para desinfeção d'ss arvores

Promovida pelo Posto Agrario de Queluz, realizou-se na lirda sala dos embaixadores do palacio da mesma localidade uma excelente exposição de pomicultura, horticultura e jardinagem. A inauguração, a que assistiram os srs. ministro do fomento e director geral de agricultura, concorreram muitissimas pessoas que fi-

caram excelentemente impressionadas com o magnifico certamen. Entre outros concorreram a Companhia Horticola do Porto, Estação Agronomica de Belem, Marques Loureiro, Vieira da Natividade, Facco Viana, Raposo Magalhães, Barreto Perdigão, Pinto Pedroso, conde de Bobone, etc. A exposição obteve um grande exito.



Alunos e professores da escola do Posto Agrario de Queluz (Clichés Benoliet).

PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.
35 Anos de Bom Exito. Medalhas Ouros e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & Co
6, Rue Dombasle, 6
PARIS
E BOAS EMARMACIAS

Colegio Nacional
SANTAREM

Internato de 1.ª classe para meninas. Professoras estrangeiras, piano, canto, pintura, arte aplicada, etc., etc. o o o

Perfumaria
MIMOSA
102-Rua do Ouro-104
Telefone 4050
As Últimas Novidades

Sabonete preparado
com os saes das Aguas



Mizella

o melhor para a pelle

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encader ar o **SEGUNDO SEMESTRE** de 1913, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ottimo effito.

PREÇO: 360 réis

Tamhem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remediada em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SECULO»
Rua do Seculo, 43—LISBOA



O ALIMENTO IDEAL
dos velhos, dos anemicos, dos convalescentes,
dos exhaustos, é o

PHOSCAO
(Antigamente Phospho-Cacao)

O MAIS REQUINTADO DOS ALMOÇOS
O MAIS PODEROSO DOS RECONSTITUENTES

Aconselhado por todos os medicos aos que soffrem do estomago

REMESSA GRATUITA
De uma caixa para experiencia

Deposito: FORTUNY Hermanos, 32, Hospital, Barcelona (Espanha)
Mercearias, Pharmacias e Drogarias

Perfumaria
Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA.

LOJA DA AMERICA
ROUPAS BRANCAS,
SENHORAS e CRIANÇAS
- R. DO OURO 206 -

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS
TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

COLEÇÃO HORAS DE LEITURA

PUBLICADOS 107 VOLUMES A 200 RÉIS CADA — Obras publicadas:

1 a 4, **Ivanhoé**, de W. Scott (2.^a edição), 4 volumes.—
5, **O frade negro**, por Clemencia Robert, (2.^a edição).—
6 e 7, **As semi-írgens**, de Marcelo Prévost, (3.^a edição ilust.), 2 vol.—8, **Werther**, de Goethe, (4.^a edição ilust.).—9, **Madame Flirt**, de Jacques Vvel, (2.^a edição).—10 a 12, **A taberna**, de Zola (2.^a edição), 3 vol.—13, **O vigário de Wakefield**, de Goldsmid, (2.^a edição).—14, **A vida aos vinte anos**, de Dumas, filho, (2.^a edição).—15, **A agua profunda**, de Bourget, (2.^a edição).—16, **O domínio amarelo**, de Marcelo Prévost, (2.^a edição).—17, **Cortezá**, de A. Belot, (2.^a edição).—18, **O Rosquedo**, de Delim Guimarães, (2.^a edição).—19, **Os vagabundos**, de Maximo Gorki, (4.^a edição).—20, **A Escravidão Moderna**, de Tolstoi, (3.^a edição).—21, **Os Degenerados**, de Maximo Gorki, (3.^a edição).—22, **A Dama das Camélias**, de Dumas, filho, (4.^a edição ilust.).—23, **As Virgens**, de G. d'Annunzio, (3.^a edição).—24, **Na Prisão**, de Maximo Gorki, (2.^a edição).—25 e 26, **A Dama das Perolas**, de Dumas, filho, (2 vols.)—27, **Vareka Olessova**, de Maximo Gorki.—28, **O Jardim dos Suplicios**, de Octavio Mirbeau, (2.^a edição).—29, **Saudades**, (Menina e Moça), de Bernardim Ribeiro.—20, **Na Estepa**, de Maximo Gorki.—31, **Namillko**, de Tokutomi.—32, **Um conchego de solteirão**, de Balzac, (2.^a edição).—33, **Sapho**, de Daudet, (2.^a edição).—34, **Um começo de vida**, de Balzac.—35 e 36, **O Paraizo das Damas**, de Zola.—37, **Amor e Liberdade**, de Tolstoi, (2.^a edição).—38, **Casamentos de Amor**, de Theurrit, (2.^a edição).—39 e 40, **Ilusões Perdidas**, de Balzac, (3 vols.).—41 e 42, **Esplendores e miserias das cortezás**, de Balzac, (2 vols.).—43, **A ultima incarnação de Vautrin**, de Balzac.—44, **Mater Dolorosa**, de Ernesto Deaudel.—45, **O Imortal**, de Afonso Duadet.—46, **Ares do Minho**, de Delim Guimarães.—47, **Historia de um beijo**, de Perez Escrich, (3.^a edição).—48, **O intruso**, de Gabriel d'A-

nunzio.—49, **A mulher de 30 anos**, de Balzac.—50 e 51, **Gerimal**, de Zola.—52, **O crime de Silvestre Bonnard**, de Anatolio France.—53, **Miseraveis**, (Canião y barro) de Blasco Ibañez.—54, **O abade Constantino**, de L. H. Levy.—55, **O dr. Rameau**, de Jorge Ohnet.—56, **Agua corrente**, de Severo Portela.—57, **O luxo dos outros**, de Bourget.—58, **O tio Goriot**, de Balzac.—59 e 60, **A Derrocada**, de Zola, (2 vols.)—61, **O canto do Cisne**, de Tolstoi.—62, **Contos**, de G. Maupassant.—63 e 64, **Naná**, de Zola, (2 vols.)—65, **A sonata de Kreutzer**, de Tolstoi.—66, **O padre maldito**, de Silva Pinto.—67, **Paulo e Virginia**, de Saint-Pierre, (edição ilust.).—68 e 69, **O Dinheiro**, de Zola (2 vols.)—70, **Confissão de um amante**, de Prévost.—71, **A sepultura de ferro**, de H. Conscience.—72, **A musa do departamento**, de Balzac.—73 e 74, **A obra**, de Zola, (2 vols.)—75, **Genoveva**, de A. de Lamartine.—76, **Um filho do povo**, de Escrich.—77 e 78, **O crime do padre Mouret**, de Zola, (2 vols.)—79, **Casamentos de fidalgos**, de Feuilleit.—80, **Amor trágico**, de A. Hermant.—81, **A religiosa**, de Diderot.—82 a 84, **Ana Karenine**, de Tolstoi, (3 vols.)—85 e 86, **A besta humana**, de Zola, (2 vols.)—87, **Deus e diabo**, de A. Karr.—88, **O refugio**, de Cesar Porto.—89, **Fromont Juniore Rister Senior**, de Daudet.—90, **Aphrodite**, de Pierre Louys—91 e 92, **Ressurreição**, de Tolstoi—93, **A Serpente**, de Almachio Diniz.—94, **Longe da vista**, de Alexandre Malheiro.—95, **As vozes dos sinos**, de Dickens.—96, **O grande industrial**, de Ohnet.—97, **Regina**, de Lamartine.—98 e 99, **A Serra**, de Zola.—100, **O Cabo Frederico**, de E. Chatrian.—101, **Tereza Raquin**, de Zola.—102, **As desencantadas**, de Lotti—103 e 104, **Roupa suja**, de Zola.—105, **Alma de criança**, de Dostoieuki.—106, **Paixão criminosa**, de Morfontaine.—No prelo: **Paris**, de Zola.

BIBLIOTECA DE EDUCAÇÃO RACIONAL

1, **Como se deve educar o espirito**, do dr. Toulouse, (2.^a edic.).—2, **Iniciação astronomica**, de Flamarion, Ilust. com 156 grav.—3, **Iniciação chimica**, de Darzens, Ilust. com 33 grav.—4, **Iniciação matematica**, de Laisant, Ilust. com 103 grav.—5, **Iniciação zoologica**, de Brucker, Ilust. com 165 grav.—6, **Ini-**

Obras publicadas a 400 réis cada volume

cição mecanica, de Guillaume, Ilust. com 50 grav.—7, **Iniciação botanica**, de Brucker, Ilust. com 235 grav.—8, **Iniciação filosofica**, de Faguet—9, **Iniciação litteraria**, de Faguet—10 e 11, **Historia universal**, de Jaquetin.

COLEÇÃO ALEXANDRE DUMAS — Obras publicadas:

1 a 10, **José Balsamo**, 1.^a parte das «Memorias de um medico», 10 vol. brch. 28000, encad. 38250 — 11 a 16, **O colar da rainha**, 2.^a parte das «Memorias de um medico», 6 vol. brch. 18200, encad. 1950 — 17 a 20, **Angelo Pitou**, 3.^a parte das «Memorias de um medico», 4 vol. brch. 800, encad. 18300 — 21 a 32, **A Condessa de Charny**, 4.^a parte das «Memorias de um medico» 12 vol. brch. 28100, encad. 38900—34, **Os casamentos do tio Olifus**, 1 vol. brch.

200, encad. 450—34 e 35, **Uma filha do regente**, 2 vol. brch. 400, encad. 650—36 a 39, **Os tres mosqueteiros**, 4 vol. brch. 800, encad. 18300—40 a 41, **Fernanda**, 2 vol. brch. 400, encad. 650—42 a 45, **O Conde de Monte Cristo**, 4 vol. brch. 800, encad. 18300—46, **A Princesa Flora**, 1 vol. brch. 200, encad. 450—47, **Tulipa negra**, 1 vol.—48, **Amaury**, 1 vol.—49 a 52, **Vinte anos depois**, (2.^a parte dos tres mosqueteiros) 4 vol..

COLEÇÃO SOCIOLOGICA — Obras publicadas a 300 réis o volume

1 a 4, **Formas e essencias do socialismo**, de Merilino—5, **A conquista do pão**, de Kropotkine—6, **A dôr universal**, de S. Faure—7, **O sindicalismo**, de Leone—8, **A sociedade futura**, de Grave—9, **Palavras de um revoltado**, de Kropotkine—10, **O capital**, de Marx—11, **Psicologia do militar profissional**,

de Hamon—12, **A caminho da união livre**, de Nacquet—13, **Como falava Zaratustra**, de Nietzsche—15 e 16, **A grande revolução**, de Kropotkine—17, **Genealogia da Moral**, de Nietzsche—18, **O individuo e a sociedade**, de Grave—19 e 20, **O sindicalismo e a proxima Revolução**, (no prelo).

COLEÇÃO VITOR HUGO — Obras publicadas a 200 réis o volume

1 e 2, **Os homens do mar**, 2 vol.—3 a 5, **O homem que ri**, 3 vol.—6 a 13, **Os miseraveis**, 8 vol.—14 a 15, **Noventa e trez**, 2 vol.—16 a 18, **Nossa Senhora de**

Paris, 3 vol.—19, **Burg-Jargal**, 1 vol.—20, **O papa, Religião e religiões**, Paris. 21 e 22, **Haud'Islandia**. No prelo: **França**, **Belgica**, **Alpes e Pirineus** (2 vol.).

COLEÇÃO DIAMANTE — Obras publicadas a 80 réis o volume

1, **Romance de uma rapariga honesta**.—2, **O enviado do diabo**, de Escrich—3, **A Vedeta**, de Balsac—4, **Amores de um deputado**, de Boelenor—5, **O homem vermelho**, de Bovel—6, **Livro para damas**, de

Catule Mendés—7, **A menina dos olhos de ouro**, de Balzac—8, **A fonte maldita**, de Clemencia Robert—9, **Cartas de amor**, de Soror Mariana Alcoforado—10, **A Cabana Indiana**, de Saint-Pierre.

COLEÇÃO PONSON DU TERRAIL — Obras publicadas a 200 réis o volume

ROCAMBOLE: 1.^a parte: **A Heronia Misteriosa**, 2 vol.—2.^a parte: **O Club dos Valetes de Copas**, 3 vol.—3.^a parte: **As proesas do Rocambole**, 3 vol.—4.^a parte: **A desforra de Bacarat**, 1 vol.—5.^a parte: **Os**

Cavaleiros do luar, 2 vol.—6.^a parte: **O Testamento do Grão do Sal**, 2 vol.—7.^a parte: **A Ressurreição do Rocambole**, 4 vol.—no prelo: **A ultima palavra do Rocambole**.

COLEÇÃO H. PEREZ ESCRICH — Volumes publicados a 200 réis o volume

1, **O Milionario**.—2, **O Violino do diabo**.—3, **Rico e pobre**.—4 a 7, **A perçeição da mulher**, 4 vol.—8, **Os Comícios Ambulantes**,

BIBLIOTECA INFANTIL — A 300 réis o volume profusamente illustrado

1, **Livro de Mariete**.—2, **O livro de Leonor**.—3, **O livro de Beatriz**.—4, **O livro de Tereza**.—Novida-

de litteraria, de sensação: O Resgate, romance de Ghagas Franco, 1 vol. de 528 paginas, 800 réis.